

MGB GT, FH-88-86

Pelágio Castelo Branco

Ofereceram-me, os ossos do ofício, a oportunidade ímpar de viver em Roma entre 1990 e 1993. Foi-me, contudo, antecipadamente imposto um carro blindado de serviço, com direito a condutor e escolta anti-terrorista permanente.

Para amenizar e como bom lusitano, fiz-me acompanhar do GT azul, fiel confidente de 2 décadas, reluzente na maquilhagem e brilhante nos cromados novos em folha.

Nas noites de sábado em que a espaços fui conseguindo libertar-me das leis da vida social inerente, era certo e sabido: ala, de luzes apagadas, pelo portão das traseiras e à sorrelfa dos guarda-costas.

Impecavelmente orientado pela navegadora que me atura há 45 anos, rumava aos restaurantes a céu aberto da Piazza Navona e de Trastevere, ou para um jantar de candelabros e librés, no Circolo degli Scacchi.



Nos trajectos e onde quer que estacionasse, geralmente com a ajuda de um porteiro que, impante, o arrumava no espaço reservado a Ferraris, Lamborghinis e ícones quejandos, os piropos inebriavam o alter-ego e compensavam o desgaste profissional. Bellíssima, brutta macchina ! Ma, que potenza, que magnifico rumore... quanto costará ? Lei vende ?

Aqui, ficava preocupado, não fosse algum siciliano propor-me a troca por um qualquer dos seus Maranellos.

Uma bela noite, sem pré-aviso, a nódoa caiu no pano. Terminada a função e em plena subida da Via Veneto, o que não dispensava antes do regresso a casa, duplo azar: saio mal de um semáforo, motor abaixo e bateria descarregada. Não que não estivesse já avisado há muito tempo, mas baterias de 6 volts, tamanho minorca, em Itália, só por milagre.

Tão calmo quanto possível, largo o carro na passadeira de peões onde parara, abusando da matrícula diplomática a que era obrigado, e sento-me na esplanada em frente, para um café e congeminação da saída mais airosa.



Passados minutos, surgem do nada os guardas da escolta, quais turistas e conhecidos de velha data; juntam-se para uma bebida, inteiram-se do percalço,

disponibilizam transporte e oferecem-se para resolver a situação, sem perda de dignidade para o GT, obviamente. Comportámo-nos todos como excelentes actores....

Reencontrei-o na manhã seguinte, à porta principal da casa, reluzente e pronto a arrancar. Mais tarde vieram as explicações, tão simples como surpreendentes.

A bateria, tinham-na acabado de substituir por uma de 12 volts, italiana e a condizer com a idade do bólido. Que a macchina não podia ficar abandonada e daí a terem feito pegar de empurrão, alta e silenciosa madrugada, para não dar nas vistas....

Muita atenção, disseram eles, estes terroristas que por aí andam são uns criminosos, nunca se sabe ! E mais. Então o dottore julgava que lhe perdíamos tão facilmente o rasto durante todo este tempo? Benditos anjos da guarda, concluí eu.

Dez anos passados, o GT azul do sócio 127 é confiado aos desvelos dos nossos grandes Amigos Vitor Saraiva e Preces Diniz, para o renascimento no trigésimo aniversário.



Quanto à bateria, as originais, claro. Que era um crime ter posto aquela...

Afinal, criminosos eram os guarda-costas.

Lisboa, 15 de Junho de 2006